



AGRICULTURA SINTRÓPICA: UMA RESPOSTA À CRISE CLIMÁTICA

Hoje em dia é indispensável promover sistemas alimentares sustentáveis que ofereçam alimentos saudáveis e nutritivos, preservando simultaneamente o meio ambiente. Estamos aqui a pensar em Agroecologia e Agrofloresta. Segundo a FAO, este tipo de agrossistemas, ou seja, o desenvolvimento agrícola ecológico e sustentável, é considerado uma ferramenta essencial para o futuro da humanidade, preservando o planeta e, ao mesmo tempo, garantindo alimentos saudáveis para uma população mundial cujo crescimento não pára.

A Agroecologia / Agrofloresta é uma forma de conceber sistemas de produção (entre os quais a chamada “Agricultura Sintrópica”) que dependem de funcionalidades oferecidas pelos ecossistemas, sempre com o cuidado de reduzir as pressões sobre o ambiente e preservar os recursos naturais. É uma questão transversal, que se foca em maximizar a natureza como um fator de produção, mantendo as suas capacidades de regeneração.

A Agricultura Sintrópica, por seu lado, trabalha com a complementaridade entre espécies biodiversas, que trocam entre si infor-

mação, obtendo-se a médio prazo a regeneração do ecossistema. Trabalhar a favor da natureza e não contra ela, consociar culturas agrícolas com espécies florestais, recuperar os recursos em vez de explorá-los unicamente, incorporar os conceitos ecológicos na gestão de agroecossistemas, explorar a complementaridade entre espécies, escalonar os ciclos no tempo e no espaço, criar condições para a melhoria dos solos, da disponibilidade hídrica e do próprio clima, são algumas das características da Agricultura Sintrópica, embora não exclusivas dela.

Com as alterações climáticas, a Agricultura Sintrópica, difundida a partir dos anos 70 por Ernst Götsch, parece fazer cada vez mais sentido. Este investigador e agricultor suíço esteve recentemente em Mértola numa conferência onde explicou que este tipo de agricultura é o indicado para enfrentar estes desafios, porque a consociação de culturas agrícolas com espécies florestais, de forma estruturada e adaptada ao local, alimenta o solo e dá-lhe a humidade necessária para as plantas crescerem sem necessidade de rega: daí o termo “plantar água” começar a ouvir-se cada vez mais. O futuro da agricultura passa por desenvolver formas mais próximas da natureza, através da escolha de agroecossistemas idênti-



cos aos originários de cada região, que no caso do Mediterrâneo é a Floresta do género "Quercus" (sobretudo o sobreiro). Segundo Götsch, "não podemos continuar a encarar a agricultura apenas como uma exploração da terra. O que temos de fazer é criar uma agricultura de processos, onde estejamos a trabalhar para sermos úteis para nós e para o local onde nos encontramos. Afinal, trata-se de vivermos em comunidade e sermos-lhe úteis. Isto porque somos apenas parte de um sistema inteligente, não somos nós os inteligentes".

O sistema que o especialista suíço tem vindo a aplicar e a difundir na Costa Rica, no Brasil e noutros países, onde possui experiências piloto, como em Espanha, França e Portugal (Herdade do Freixo do Meio, em Montemor-o-Novo, e Horta da Moura, em Mértola) associa o objetivo do estabelecimento e regeneração de áreas



Cristina Moncayo está em Portugal para terminar o doutoramento em agroecologia. Encontrou no projeto Life in Syntropy algo que a inspirou por completo, por ser totalmente novo, pois pretende vir a implementar sistemas alimentares locais no seu país.

António, que, há cerca de três anos, fazia agricultura convencional, produzindo aromáticas e hortícolas, acabou por perder toda a produção devido à seca extrema, tendo depois decidido experimentar a Agricultura Sintrópica. O

"segredo" é criar-se um sistema estratificado em que a floresta se mistura com a agricultura e o solo protegido pela sombra das árvores maiores permite o crescimento das diversas espécies, havendo, inclusivamente, a regeneração dos solos, que se tornam mais húmidos, bem como se promove a absorção de água da atmosfera. Este é um projeto piloto, com várias dimensões, como a investigação e experimentação, a difusão, a informação e a inclusão, integrando jovens do ensino básico e suas famílias e os pequenos agricultores.

produtivas ao do reforço da oferta de serviços de ecossistema, com especial destaque para a formação do solo, a regulação do microclima e o favorecimento dos ciclos da água e do carbono.

Foi precisamente à "Horta da Moura" que uma equipa de dois elementos da unidade técnica central da Rede Rural Nacional se deslocou recentemente para constatar in loco como funciona a Agricultura Sintrópica. Nesta horta, experimental, para além do seu proprietário, António, trabalham dois jornalistas do ambiente, brasileiros, da equipa de investigação de Götsch, chamada "Life in Syntropy", e duas estagiárias, uma colombiana e uma francesa, que estão a tirar uma graduação nas suas áreas de licenciatura, respetivamente, engenharia do ambiente e arquitetura paisagista.

Laly Pagliero, estagiária natural de Lyon, considera que: "Aqui, em Mértola, ao convivermos com agricultores, aprendemos sistemas agrícolas com diferentes abordagens. Somos ouvidas e vemos as nossas dúvidas esclarecidas". Por sua vez, a estagiária Maria





Na Agricultura Sintrópica não é necessário usar adubos químicos, a terra é fertilizada pela matéria orgânica criada no próprio terreno, através, nomeadamente, da poda que é feita, seguindo os ciclos da natureza.

Nos camalhões, misturadas com as hortícolas, existem muitas outras espécies de plantas, sucedendo-se na linha conjuntos padronizados de diversas espécies. Não há competição, mas sim passagem de “informação” de umas espécies para as outras, resultando numa convivência colaborativa entre as plantas. Mas para haver essa colaboração nada é plantado ao acaso. Efetivamente, são necessários elevados conhecimentos de Agronomia, nomeadamente em botânica e em fisiologia vegetal. Nas entrelinhas protege-se o terreno com mulching de detritos orgânicos provenientes das podas. No plantio das arbóreas e arbustivas utiliza-se a técnica do “ninho”, fazendo-se uma caldeira côncava em cujo centro se planta a estaca, dispondo à volta matéria orgânica e plantando diversas espécies nesse substrato.

Passados alguns meses, verifica-se que as plantas germinaram e cresceram juntas num ambiente fresco, húmido, cheio de seres vivos (bactérias e vermes) e de matéria orgânica, que se torna um autêntico “banquete” para as espécies envolvidas. Este é, portanto, um tipo de agricultura a transmitir junto da comunidade, baseada nos ciclos naturais, na biodiversidade, no escalonamento no tempo e no espaço da produção, com consequências positivas na melhoria da espessura e estrutura do solo, e que tanto se pode destinar ao autoconsumo como ao mercado, dependendo da escala e da mão-de-obra disponível.

Para além da sensibilização levada a cabo junto do público em geral, concretamente do concelho de Mértola, os alunos do 1.º ciclo do ensino Básico, também têm sido alvo de ações complementares, pedagógicas e práticas, ligadas à horticultura sintrópica, como verificámos na escola Básica de Santana de Cambas, onde entrevistámos a professora Goreti Oliveira.

Segundo a docente, os alunos e o seu núcleo familiar já se encontram familiarizados com diversas espécies vegetais e técnicas culturais amigas do ambiente, com o grande propósito de comerem produtos saudáveis, biológicos, sabendo igualmente como se produzem e qual a sua origem, tudo isto num contexto de adaptação às alterações climáticas.

A divulgação deste tipo de agricultura está a surtir efeitos de mudança de mentalidades, não só nos alunos (complemento do “Estudo do Meio”), como nos seus encarregados de educação. As atividades práticas na horta foram estrategicamente planeadas para meio da tarde. Assim, diz Goreti Oliveira, “quando os pais vêm buscar os filhos, dirigem-se à horta e ficam fascinados com o que veem!”

Em termos de conclusão, pode dizer-se que o processo está a ser interiorizado por todos gradualmente e há grandes probabilidades de ser criado no curto prazo uma situação de “compromisso” entre os agricultores e os consumidores do concelho, concretizado, por exemplo, sob a forma de pequenos mercados locais de produtores. Pelo menos, é possível afirmar-se com segurança, que para a escala da pequena propriedade e num território com problemas graves de desertificação, é possível criar um sistema alimentar local, ancorado em produtos biológicos saudáveis, muito colados à dieta mediterrânica, provenientes de uma agricultura onde o bom senso e a sustentabilidade se cruzam frequentemente.

Por fim, resta dizer que esta visita / reportagem foi para nós, técnicos da RRN, interessante e gratificante, pois visitámos uma realidade baseada na Agroecologia, que não conhecíamos bem, tendo constatado a maneira “séria” como este novo paradigma da Agricultura Sintrópica está a ser desenvolvido, isto é, como forma de resposta às alterações climáticas, e transmitido gradualmente aos homens e mulheres de amanhã, numa ótica de aproximação à natureza e de estabelecimento de sistemas alimentares saudáveis à escala local.